

# AS TECNOLOGIAS NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA QUESTÃO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Antonio Carlos Conceição Marques

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo fazer uma investigação sobre a formação dos professores diante das tecnologias na disciplina de História. Os sujeitos da investigação foram três professores que atuam na disciplina em questão no Colégio X. Ao longo deste artigo foram focalizados os assuntos referentes às tecnologias na educação, inserção das tecnologias no ensino de História e a formação dos professores para esta disciplina. O cenário das tecnologias na educação revela um grande desafio para os educadores, pois esse processo ainda se encontra no início. A inserção das tecnologias no ensino de História vai mostrar o que dizem as Diretrizes Curriculares Nacionais e como está ocorrendo o trabalho pedagógico em relação à essa disciplina. Quanto à formação dos professores já existem muitos debates entre os teóricos sobre a matéria servindo para um repensar sobre o tema. Na prática, a opinião dos professores é importante para que se reflita se a sua formação é ou não adequada para o uso das tecnologias.

**Palavras-chave:** disciplina, formação, História, professores, tecnologias.

## 1 INTRODUÇÃO

Neste século XXI as tecnologias estão impactando cada vez mais a vida moderna com seus reflexos na educação. Neste cenário de mudanças, há necessidade de repensar o papel da escola, pois se percebe que o modelo tradicional já não atende às demandas.

Neste contexto, o professor precisa saber utilizar as tecnologias em sua prática docente, não somente como recurso didático, mas como ferramenta adequada a todo o processo pedagógico.

O ensino de História, assim como outras disciplinas também requer que o professor tenha conhecimento e saiba utilizar as ferramentas tecnológicas, embora haja indícios de que o uso das tecnologias tem sido lento ou ainda não foram incorporadas às práticas pedagógicas.

Em razão desses aspectos, o presente artigo tem como objetivo fazer uma investigação sobre a formação dos professores diante das tecnologias na disciplina de História.

Para atender a esse objetivo, num primeiro momento foi feita uma reflexão a respeito do papel das tecnologias na educação, ocasião em que permitiu-se conhecer os principais desafios que a educação enfrenta neste cenário de mudanças.

A seguir, foi abordado o assunto sobre a inserção das tecnologias no ensino de História, enfocando os documentos oficiais e opiniões de alguns teóricos a respeito do assunto. Esse conhecimento foi necessário para que se abordasse a formação de professores para a disciplina de História, que diante dessas transformações certamente está enfrentando muitos desafios.

A metodologia utilizada para este artigo foi bibliográfica complementando com uma pesquisa envolvendo três professores da Escola “X” em Curitiba, que deram seus pareceres sobre as tecnologias no ensino e a formação de professores para a disciplina de História.

## **2 AS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO**

Com a evolução das tecnologias está havendo uma reestruturação em toda a sociedade com seus reflexos na educação. Por isso, é preciso repensar as formas de ensino e aprendizagem. Arroyo (2000) esclarece que as tecnologias da informação e comunicação podem transmitir competências e informações com maior rapidez e eficiência que o professor. Porém, não darão conta do papel socializador da escola, do encontro de gerações e do aprendizado humano que se dá no convívio direto com as pessoas.

O grande desafio que se apresenta para os educadores é como se adequar à essas mudanças. Orozco (2002) fala que só o tecnicismo não garante uma melhor educação. Neste sentido, e usando as palavras de Sancho e Hernández (2006) é preciso refletir sobre o que significa ensinar no século XXI, o papel dos professores e das diferentes linguagens textual, virtual e individual no ensino e aprendizagem.

Quando se examinam de perto as inovações que estão ocorrendo, o que se constata ainda é que tenta-se “fazer o velho com o novo”, como se refere Jacquinot (1994) citada por Alava (2002, p. 13). A partir desse entendimento e usando as palavras de Brito e Purificação (1997, p. 4):

O simples uso das tecnologias educacionais não garante a eficiência do processo ensino-aprendizagem, principalmente se a forma deste uso se limitar a tentativas de introdução da novidade, sem compromisso do professor que utiliza e com a inteligência de quem aprende.

Esses aspectos são sem dúvida, os maiores desafios para a introdução das tecnologias na escola. Isso implica numa mudança de postura dos membros do sistema educacional e na formação de professores, o que pode causar incertezas e até rejeição ao desconhecido.

Por isso, deve existir um comprometimento que vai além da simples apropriação da tecnologia como mera novidade, pois

a informática está inserida no processo educacional está diretamente ligada às inovações e mudanças na educação e pressupõe a incorporação deste novo paradigma tecnológico perpassando por todas as atividades e espaços escolares sendo incorporada por todos os sujeitos que interagem neste ambiente (BRITO e PURIFICAÇÃO, 1997, p. 4).

Desse modo, a incorporação das tecnologias no âmbito escolar deve ser considerada como parte da estratégia da política educacional e “uma alavanca de inovações pedagógicas a serviço da construção de saberes (ALAVA, 2002, p. 14).

Entretanto a dificuldade de analisar concretamente as implicações das tecnologias na escola ainda é complicada, pois “tal processo ainda se encontra no início de sua trajetória” (LEVY, 1999, p. 24). Contudo as tecnologias impõe desafios à formação de professores e à educação escolar, pois existem barreiras entre as tarefas de execução e concepção das tecnologias na escola.

Diante deste cenário, cumpre discutir como ocorre a incorporação das tecnologias no ensino de História, um dos objetivos deste artigo.

### **3 A INSERÇÃO DAS TECNOLOGIAS NO ENSINO DE HISTÓRIA**

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1998) estabeleceu o que considera hoje, necessário para transmitir aos alunos nas aulas de história:

Art. 26 – Os currículos do Ensino Fundamental e Médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

Parágrafo 4º - O ensino de História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígenas, africana e européia.

O texto dos Parâmetros Curriculares Nacionais, publicados em 1997, tenta dar uma resposta sobre o que da nossa cultura e da nossa memória é mais adequado transmitir às novas gerações que freqüentam as escolas nas diferentes realidades socioculturais do Brasil. Os PCNs tiveram como proposta fundamental a modificação da estrutura dos conteúdos apresentados até então como propostas curriculares oficiais. A idéia basilar foi a transformação dos conteúdos organizados de forma linear em eixos temáticos. Também foi proposta a incorporação de novas perspectivas historiográficas, como metodologia de ensino. As mudanças no ensino de História exigiram uma formação para a cidadania, uma formação de sujeitos críticos e conscientes, capazes de interpretar e transformar a realidade, de buscar soluções possível para os problemas detectados em sua comunidade, de valorizar o patrimônio sociocultural (próprio e de outros povos) e de respeitar as diferenças culturais, evitando qualquer tipo de discriminação e exclusão social (BRASIL, 2001).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino de história foram publicadas em 2003, tendo como objetivo assegurar o direito à igualdade de condições de vida e de cidadania, assim como garantir igual direito às histórias

e culturas que compõem a nação brasileira, além do direito de acesso às diferentes fontes da cultura nacional a todos brasileiros (BRASIL, 2004).

O trabalho pedagógico com os Conteúdos Estruturantes, básicos e específicos tem como finalidade a formação do pensamento histórico dos estudantes. Para isso, os professores e alunos utilizam em sala de aula e nas pesquisas escolares, os métodos de investigação histórica articulados pelas narrativas históricas desses sujeitos. Os alunos perceberão que a História está narrada em diferentes fontes (livros, cinema, canções, palestras, relatos de memória e outros), sendo que os historiadores se utilizam destas fontes para construir suas narrativas históricas (PARANÁ, 2005).

O trabalho pedagógico com os conteúdos históricos deve ser fundamentado em vários autores e suas respectivas interpretações, seja por meio dos manuais didáticos disponíveis ou por meio de textos historiográficos referenciais. O trabalho com documentos e fontes históricas pode levar a uma análise crítica sobre o processo de construção do conhecimento histórico e dos limites de sua compreensão. Para a construção do conhecimento histórico o professor deve organizar seu trabalho pedagógico baseando-se em fontes históricas diversas como documentos escritos, iconográficos, registros orais, testemunhos de história local, fotografia, cinema, quadrinhos, literatura e informática. Esses materiais são de grande valia na constituição do conhecimento histórico e podem ser aproveitados de diferentes maneiras em aula (PARANÁ, 2005).

No trabalho pedagógico do ensino de História segundo os PCNs não existe menção ao uso das tecnologias, ou seja, o aluno vai ficar restrito à utilização de livros e outros documentos. A inserção das tecnologias no ensino de História pode começar com a utilização do computador que vai, certamente, possibilitar aos alunos apropriarem-se de valores que os levem a compreender o passado e possibilitando uma análise crítica do presente. Segundo Ferreira (1999, p. 135), o computador no ensino de História deve ser utilizado para:

- desenvolver habilidades como criatividade, coordenação motora, percepção visual e auditiva;
- motivar a pesquisa;

- pôr os alunos em contato com a realidade através do programa (*software*) escolhido;
- organizar as informações;
- classificar dados;
- traçar croquis, esboços e desenhos (fazer mapas, plantas da realidade estudada e outros);
- organizar a vida escolar;
- produzir trabalhos escolares, através de *softwares* de planilhas, banco de dados e processadores de texto;
- elaborar gráficos estatísticos;
- fazer apresentações mais dinâmicas.

Como se observa, o computador pode ser utilizado de maneira muito criativa pelos alunos e nessa perspectiva, segundo Figueiredo (1997) ampliam-se os horizontes através de pesquisas em sites via internet, visitas a museus, consulta a arquivos históricos, propiciando momentos jamais alcançados anteriormente e transforma a disciplina de história dinâmica e criativa. Os alunos têm condições de entrar em contato com outras pessoas, trocar experiências, construir conceitos coletivamente, a partir do contato com diversos sujeitos. O trabalho do pesquisador/professor altera-se, pois as tarefas trabalhosas e demoradas antes da utilização dos computadores passam a ser mais fáceis e ágeis. Através da informática existem infinitas atividades a serem realizadas o que certamente, poderá possibilitar transformar a disciplina de história em matéria dinâmica e não repetitiva.

Bastos (1997) lembra que é preciso pensar no ensino de História integrado com a tecnologia, sendo um dos caminhos possíveis para conciliar o desenvolvimento social, visando à formação histórica do aluno, pois essas máquinas não podem ser vistas na concepção tecnicista, na qual se resume a técnica pela técnica, uma vez que o mundo tecnológico de hoje não é uma máquina absurda, que está aio para escravizar a mente. Este mundo precisa ser entendido e interpretado à luz das visões extraídas do homem para ler a história.

Outrossim tal processo não é tão simples e Rocha (1996) mostra que o ensino de História ainda é predominantemente factual, trabalhando com as tendências narrativas e positivistas, tornando-se para os alunos um ensino desinteressante, burocratizado e repetitivo, o que pode comprometer o processo. Esse processo tem comprometido o ensino da disciplina,

desestimulando alunos e professores. A produção acadêmica resultante de esforços dos professores e pesquisadores desenvolvida na Universidade, pouco tem atingido o ensino médio e pouco influencia na direção de novas formas metodológicas. Hoje em dia ainda permeia uma história de vencedores, aqueles que criam os fatos históricos e os transmitem como verdades definitivas, absolutas e cristalizadas, ligadas a uma concepção positivista da história.

#### **4 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A DISCIPLINA DE HISTÓRIA**

Para Schön (2000) o conhecimento do professor profissional deve formar-se sobre a experiência, através da qual ele pode experimentar a ação e a reflexão em situações reais, como num laboratório prático. A reflexão deve ser incluída a partir de situações práticas como elemento principal da formação de profissionais. O exercício reflexivo permite ao profissional vivenciar e sair bem sucedido de situações novas e desafiadoras no ambiente de trabalho.

Levando em consideração esses aspectos, é possível que um professor que se disponha a refletir sobre sua ação, planejando e elaborando uma proposta de trabalho comprometida com a qualidade de aprendizagem terá condições de utilizar os recursos tecnológicos que se apresentem para ele. Por isso, como bem aduz Perrenoud et al. (2001), formar profissionais capazes de organizar situações de aprendizagem deveria ser o objetivo principal dos programas de formação inicial de professores.

Já Nóvoa (1992) entende que a formação engloba a formação inicial, a continuada e a experiência profissional, ou seja, não se trata apenas da reciclagem do professor em relação à evolução dos conceitos que ensina e das novas técnicas e recursos pedagógicos, mas também a qualificação, desempenhar novas funções como: administração e gestão escolar, orientação escolar, coordenação pedagógica, educação de adultos e crianças especiais, conhecimento e emprego das tecnologias. Para isso, a prática acadêmica deveria passar pela experimentação, pela inovação e pelo ensaio de novos

modos de trabalho pedagógico. A escola, tal como está organizada não possibilita a formação de uma consciência profissional do professor, uma vez que desarticula o encontro entre a teoria e a prática e a possibilidade de se investir em pesquisa e na formação profissional do docente.

Em relação a iniciativas que envolvem as tecnologias de informação, é importante acrescentar o pensamento de Valente (1999, p. 23) que assim afirma:

A possibilidade de sucesso dos projetos está em considerar os professores não apenas como executores responsáveis pela utilização dos computadores e consumidores dos programas escolhidos pelos idealizadores do projeto, mas principalmente como parceiros na concepção de todo o trabalho. Além disso, os docentes devem ser formados adequadamente para poder desenvolver e avaliar os resultados desses projetos.

Na obra *Educação e novas tecnologias: um repensar*, as autoras Brito e Purificação (2006, p. 97) concluem seu estudo mostrando que o grande desafio que se apresenta aos educadores do século XXII consiste em pensar, refletir, analisar e discutir sobre as possibilidades e resultados da utilização das tecnologias da informação e da comunicação no processo educacional, pois a educação do futuro é aquela que deve proporcionar a formação de cérebros para a cooperação, para a relação harmoniosa entre os seres que habitam nosso planeta.

Assim, é importante que os professores aprendam a usar pedagogicamente as tecnologias sem esquecer suas experiências e os distintos saberes que adquiriram ao longo de sua vida profissional.

Contudo, outras dificuldades ainda ocorrem em relação à formação dos professores, especialmente no que se refere aos Cursos de História. Neste sentido, Silva (1995, p. 83-84) comenta que as instituições formadoras devem ter uma prática diferente da que até então vem sendo desenvolvida, visto que:

Enquanto graduados em história têm dificuldades para se assumirem como historiadores, muitos historiadores que lecionam em universidades não se veem como professores. Reforçam o descompromisso do ensino com o prazer da história para todos, deixando de assumir responsabilidades na preparação de seus próprios alunos para ensino e pesquisa, desqualificando-os por não saberem línguas estrangeiras nem técnicas de pesquisa e estudo (em lugar de reconhecerem o aprendizado dessas e outras

habilidades como tarefas da universidade). Contribuem assim, para a reprodução ampliada daquela desqualificação. Na medida em que a escola não é encarada como patrimônio histórico, legitima-se mais a degradação do ensino, com prédios e equipamentos destruídos ou escondidos por outdoors, professores pessimamente remunerados, obrigados a fazer sofridas greves, alunos sem aprender e altos estudos apropriados por minorias muito ocultas.

A utilização das tecnologias no curso de graduação em História tem como princípio basilar instrumentalizar o aluno para a pesquisa e docência, na construção de banco de dados, participação em grupos de estudos via rede, entre outros. A formação do professor de História deve estar atento para as mudanças advindas dessa nova realidade, possibilitando ao graduando ser capaz de compreender, de ser crítico, de poder o que se passa no mundo (FERREIRA, 1999).

## **5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A pesquisa envolveu o depoimento de três professores que, ao longo de seus relatos procurou-se compreender e analisar como eles constroem seus saberes e as experiências docentes com a utilização das tecnologias especialmente no ensino de História. Para salvaguardar a identidade dos professores, eles foram designados somente pelas iniciais. A pesquisa foi feita na Escola “X” em Curitiba. A análise das respostas foi feita à luz do referencial teórico já apresentado.

A professora M.C. deixou claro que durante período que esteve na Faculdade, não existiu menção à utilização de tecnologias no ensino de História. O que ela aprendeu foi fora da faculdade e pode aplicar na sua rotina diária. Contudo ela revelou algumas características um pouco restritas quanto ao uso de tecnologias, pois Ferreira (1999) define um cenário bem mais amplo ao acrescentar que as tecnologias no ensino de História servem para desenvolver a criatividade, motivar a pesquisa, trocar croquis, organizar a vida escolar, fazer apresentações mais dinâmicas, dentre outras. Veja-se:

A tecnologia no ensino de história pode ser trabalhada em dois vieses: um é o comum a todas as disciplinas, a de facilitar o trabalho do professor que pode contar com recursos tecnológicos

para economizar tempo em sala de aula (por exemplo, fazendo uso de transparências ou de arquivos JPEG que apresentam o conteúdo que outrora seria escrito a mão no quadro de giz); o segundo é de enriquecimento da discussão através da aproximação de dados da realidade dos alunos, ou a apresentação de forma mais enfática de algum dado do conteúdo (por exemplo, pode-se citar um filme que marcou determinado período histórico, ou pode-se passar em sala de aula um trecho interessante do filme, sendo este último bem mais marcante para os alunos).

A mesma professora apresentou algumas vantagens das tecnologias no ensino da História, o que não deixa de ser interessante citar.

A tecnologia facilita o trabalho do professor. No caso da História, a tecnologia facilita o trabalho da interpretação de fontes, quando é interessante fazer um trabalho coletivo. Em meio a toda essa informação é possível extrair elementos que se associem ao ensino de História em sala de aula. Tal ação é interessante em dois sentidos, ajuda os alunos a trabalharem parte das informações a que tem acesso de forma a fugir da possível alienação, assim como torna as aulas mais interessantes na medida em que se aproxima da realidade e dos conhecimentos prévios dos alunos. A tecnologia em sala de aula, seja qual for das transparências ao *pen-drive*, deve sempre estar associada ao objetivo de construção do conhecimento em sala de aula.

Na última frase de seu depoimento fica claro que o uso das tecnologias em História deve ser associado à construção do conhecimento em sala de aula. Isso é coerente com Brito e Purificação (2006, p. 19-20): o binômio “educação e tecnologia pode proporcionar ao sujeito a construção do conhecimento, preparando-o para saber criar artefatos tecnológicos, operacionalizá-los e desenvolvê-los”.

A professora L.C.P. assim falou sobre as tecnologias em sala de aula:

Em sala de aula utilizamos diversas tecnologias que facilitam a aprendizagem, basicamente a fala, à escrita, o uso de imagens, independente do suporte (quadro, retroprojeter, papel, vídeo, TV, computador), com a intenção de promover uma comunicação com os alunos que os conduza à apropriação de conhecimentos e desperte a curiosidade e o senso crítico. As tecnologias digitais não só apresentam-se como facilitadoras desse processo (pela praticidade, redução de espaço e de tempo, acesso à informação), como também, representam uma aproximação com o universo da maioria dos alunos que, dispendo dos meios apreciam a utilização dessas tecnologias tanto pelo professor, quanto para desenvolver seus trabalhos escolares.

No depoimento acima se percebe claramente que a professora dá bastante ênfase às tecnologias, que segundo Brito e Purificação (1997, p. 4): “não garante a eficiência do processo ensino-aprendizagem”, mas deve ser “uma alavanca de inovações pedagógicas a serviço da construção de saberes”, conforme dispõe Alava (2002, p. 14).

Mais adiante, a mesma professora explica o que sente na sua rotina com a inserção das tecnologias. Ela critica a atuação dos professores que pouco utilizam as tecnologias por falta de qualificação ou comodismo. Esta característica constitui sem dúvida, um fator de preocupação em termos educativos, contrariando o que diz Moran (1997, p. 10): “A educação escolar precisa compreender e incorporar mais as novas linguagens, e o professor deve dominar as possibilidades de expressão para esta mídia”. Assim, é importante que as tecnologias sejam incorporadas num curto espaço de tempo e a formação do professor não deve ficar em descompasso com o avanço das tecnologias.

O que percebo no cotidiano da escola é que muitos professores não utilizam as tecnologias digitais com tanta frequência, talvez por comodismo, ou falta de qualificação, e preferem que os alunos não disponham dessas facilidades, uma vez que não passam de reprodutores de textos e imagens, só que de uma forma mais moderna. O que precisamos é compreender essa nova dinâmica e como podemos usar as novas tecnologias em favor de uma educação que permita o amplo acesso à informação produzida, bem como a produção de novas idéias, de como fazer uma boa pesquisa, escrever melhor, produzir vídeos, enfim, a reeducação para uma nova dimensão do conhecimento.

O professor M.S.V. assim se expressou:

O docente tem várias opções metodológicas, de possibilidades de organizar sua comunicação com os alunos, de introduzir um tema, de trabalhar com os alunos presencial e virtualmente, de avaliá-los.

É importante mostrar aos alunos o que vamos ganhar ao longo de um determinado período. Procurar motivá-los para aprender a progredir, valorizando sua participação, estimulando o processo de aula-pesquisa e para as tecnologias que iremos utilizar, entre elas, por exemplo, o vídeo e a internet.

É importante neste processo dinâmico de aprender pesquisando, utilizar todos os recursos, todas as técnicas possíveis pelo professor, por instituição, por classe: integrar as dinâmicas tradicionais com as inovadoras, a escrita com o audiovisual, o texto seqüencial com o hipertexto, o encontro presencial com o virtual. Desta forma altera-se a relação de espaço, tempo e comunicação com os alunos. O processo de comunicação e aprendizagem continua na sala de aula, mas pode ser ampliado na Internet, no *e-mail*.

O professor acima apresenta as várias possibilidades de ensino que as tecnologias podem oferecer para que os alunos possam tirar ao máximo as diversas vantagens das tecnologias. Outrossim, é importante destacar aqui o pensamento de Sancho e Hernmandéz (2006, p. 36) que assim fala: “para que o uso das tecnologias signifique uma transformação educativa, os professores terão que mudar e redesenhar seu papel na escola atual”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo mostrou com clareza que muitos professores ainda não estão preparados para o aporte das tecnologias no ensino de História, pois o ensino oficial não contempla uso dessas ferramentas na educação. Assim, não existem propostas e iniciativas que contemple uma exploração das tecnologias em prol do ensino da História.

Por sua vez, os professores devem sensibilizar-se a respeito das mudanças de papéis vinculados à presença das tecnologias na educação. Por isso, eles devem estar dispostos a experimentar novas formas de ensino a discutir e refletir sobre os resultados.

Essa realidade não pode deixar de ser contemplada pelos responsáveis em educação, fundamentalmente para obter um benefício educativo em sua incorporação aos âmbitos formativos.

## REFERÊNCIAS

ALAVA, Seraphin. **Ciberespaço e formações abertas: rumo à novas práticas profissionais**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e auto imagens**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BASTOS, João Augusto de S.L. Educação e tecnologia. *In: Educação & tecnologia. Revista técnico-científica dos programas de pós-graduação em Tecnologia dos CEFETs PR/MG/RJ*. Curitiba: CEFETS – PR, ano I, n. 1, abril 1997.

BRASIL. Secretaria da Educação e Cultura. **Lei de diretrizes de base da educação nacional: (Lei 9394/96)**. Natal: Unidade Setorial de Planejamento/SECD, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural – Orientação Sexual/Ministério da Educação**. Secretaria da Educação. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicas e Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília-DF: Outubro, 2004.

BRITO, G.S.; PURIFICAÇÃO, I. **Educação, professor e novas tecnologias: em busca de uma conexão real**. Curitiba: Protex, 2003.

BRITO, G.S.; PURIFICAÇÃO, I. **Educação e novas tecnologias: um repensar**. Curitiba: IBPEX, 2006.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. **A importância das novas tecnologias no ensino de História** in *Universa*. Brasília, n. 1, fevereiro de 1999.

FIGUEIREDO, Luciano. História e informática: o uso do computador. In: CARDOSO, Cirfo F. e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MORAN, J.M. **Tecnologias para uma nova educação**. São Paulo: USP, 1997.

NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

OROZCO, Guillermo G. Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI. **Comunicação e educação**. São Paulo: n. 23, p. 57-70, jan./abr. 2002.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. **Parâmetros Curriculares**. Curitiba: 2005.

VALENTE, J.A. (org.). **O computador na sociedade do conhecimento**. Campinas: NIED/Unicamp, 1999.

PERRENOUD, P. et al. **Fecundas incertezas ou como formar professores antes de ter todas as respostas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

ROCHA, Ubiratan. Reconstruindo a História a partir do imaginário do aluno *in* NIKITIUK, S.L. (org.). **Repensando o Ensino da História**. São Paulo: Cortez, 1996.

SANCHO, Juana Maria; HERNÁNDEZ, Fernando. **Tecnologias para transformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SCHÖN, d. **Educando o Profissional Reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SILVA, Marcos A. **História: o prazer em ensino e pesquisa**. São Paulo: Brasiliense, 1995.